

O nada só é deixando de ser

Nothingness is just no longer being

Adolfo Miranda Oleare\*

Após tocar Chopin, sinto-me como se tivesse chorado por pecados que nunca cometi e pranteado tragédias que jamais vivi. A música me parece produzir sempre esse efeito. Ela cria para nós um passado que ignorávamos e nos enche com uma sensação de dores antes escondidas das nossas lágrimas. Posso imaginar um homem que tivesse levado uma vida perfeitamente banal ouvindo casualmente alguma estranha peça musical e descobrindo, de repente, que sua alma, sem que ele tivesse consciência, passara por terríveis experiências e conhecera alegrias assustadoras, loucos amores românticos, ou grandes renúncias.

Oscar Wilde

**A**ntes de tudo, Era uma vez...<sup>1</sup>

Era uma vez, há milhares e milhares de anos, numa região litorânea do extinto Planeta Terra, uma cidade muito bonita, onde vivia um povo de nome

\* Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

<sup>1</sup> OLEARE, Adolfo. O nada só é deixando de ser. In: VITÓRIA de todos os rimos: música & músicos. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 2000.

esquisitíssimo: capixaba, se me lembro bem. Naquela época, tudo era muito primitivo, as pessoas eram muito frágeis, adoeciam facilmente e viviam muito pouco. Raros eram os que completavam um século de vida. Grande parte das crianças morria antes do primeiro aniversário. Talvez por isso, eles alimentavam hábitos e crenças impensáveis nos dias de hoje. Tinham uma preocupação muito grande, quase uma paranoia, em relação à perpetuação de suas memórias, gastavam um tempo danado com isso.

O mais engraçado é que, além de utilizarem veículos dotados de rodas giratórias, movidos a um combustível chamado gasolina, derivado do petróleo, um óleo mineral caríssimo, motivo de muitas guerras e muitas mortes, aquele povo costumava colocar suas ideias em toneladas e mais toneladas de papel, um material diferente de tudo o que se conhece hoje. Eles acreditavam que, procedendo assim, garantiriam às gerações futuras grandes progressos intelectuais, sem o que seria impossível enfrentar as ameaças do desconhecido. Exércitos de profissionais reduziam suas vidas à função de organizar ideias em pedaços de papel, uns mais sofisticados, outros bem simples, uns coloridos — eram os preferidos, pois quase todos na época podiam distinguir as cores —, outros em preto e branco. Pobres coitados, se pudessem ter previsto o último capítulo de sua história, teriam se ocupado de coisas muito mais prazerosas, como comer marisco na Ilha das Caieiras, ou olhar as mulheres andando de malha no calçadão de Camburi.

Superficialmente, este é o cenário do que vou contar a vocês agora. Com toda certeza, estranharão por completo. Nada é parecido com a vida que vivemos aqui. Mas, apesar de tecnologicamente muito primitivo, extremamente imbecil, exageradamente mesquinho e, em geral, redondamente equivocado sobre quase todos os campos do conhecimento produzido por sua espécie, aquele era um povo muito divertido, jocosos e engraçados. Simplórios, chegavam até a ser menos cruéis entre si do que somos hoje entre nós.

Pois bem, espero que gostem da história.

## O convidado potencial

Às 6h tocou o telefone. Era Deocastilho Pipocas me alertando que O Sérgio Blank me telefonaria para fazer um convite.

— Que convite? — perguntei, antes que ele começasse a divagar.

— Estou com muita pressa — enfatizei, rejeitando a possibilidade de conversa com o infeliz.

— Calma, Adolfo, trago boas notícias — disse ele.

— Que convite? — bisei.

— É que está de volta a coleção *Escritos de Vitória*, o Blank vai te convidar para escrever alguma coisa na próxima edição, sobre música.

Nisso toca o celular, às 6h04 da manhã.

— Dando graças a Deus, me despedi de Deocastilho, desliguei o telefone e atendi o celular.

— Adolfo? Sou eu mesmo. Acho que é melhor a gente conversar no celular, assim você pode ir ao banheiro, pode tomar café, pode ficar mais à vontade...

Inacreditável. A que ponto havia chegado à insanidade de Deocastilho Pipocas! Pensei alto sobre o assunto, resmungando. Andrea ouviu e quis puxar assunto.

— Você acredita que ele me ligou nos dois telefones, quando percebeu que eu estava sem paciência para conversar?

Ela reprovou com a cabeça.

— Tem um recado do Marien Calixte na secretária, ele ligou para te convidar...

— Escritos de Vitória? — Interrompi.

— Escritos de Vitória acabou — disse Andrea.

— Está voltando — expliquei.

— Ele disse que está estreando o Clube do Jazz e do Blues, Aruba Café. Ligou para fazer o convite.

— Que convite? — desesperou-me a palavra.

Era para comparecer ao lançamento do projeto, às 20h, no Shopping Vitória.

Às 7h, já ingerido o café da manhã, o tal convite do Pipocas, melhor, do Sérgio, já me incomodava a cabeça. O Sérgio Blank vai me convidar... O Sérgio Blank vai me convidar... O Sérgio Blank vai me convidar e eu vou escrever o quê? Talvez não convide, Deocastilho Pipocas é doido, vai ver encontrou o Sérgio, o Sérgio disse a ele que me viu passar pelo centro de Vitória e ele entendeu que o Sérgio fosse me fazer o tal convite para escrever nos Escritos de Vitória. Talvez não convide, se convidar, paciência... correr do pau é que não vou.

Então vejamos, escrever sobre música. Pena livre. Música e pronto. E ponto final. Sem interessar o quê. Nem como, nem onde, nem quando, nem porquê. Podendo ser poesia, podendo ser crônica, podendo ser artigo, podendo ser conto. Mas eu não sou poeta, não sou cronista, não sou articulista, não sou contista. Não sou nada, sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no bolso. Um rapaz latino-americano sem dinheiro no bolso que terá de escrever alguma coisa, porque o Deocastilho Pipocas me acordou dizendo que o Sérgio Blank vai mesmo me fazer o convite. E o troço é importante, bem editado, finalização da primeira, um conselho editorial que não é brincadeira!

Se ele me convidar mesmo, vou dizer com jeito bem humilde que "eu agradeço muita a lembrança, Sérgio, muito obrigado, espero que consiga fazer algo que seja aprovado".

É, porque o conselho editorial daquilo lá não é brincadeira.

Dito e feito. Depois do almoço, em horário muito mais apropriado, me liga o Sérgio Blank.

- Adolfo, é Sérgio Blank, como tem passado?
- Muito bem Sérgio, é um prazer falar com você. Tenho acompanhado pela imprensa a sua agenda de oficinas literárias. Está a todo vapor, hein, rapaz!!! Mas então, o que é que manda?
- Eu queria lhe fazer um convite.
- Convite, Sérgio, vai ter alguma festa por aí?

— Não, não é festa não, é que a série *Escritos de Vitória* vai voltar a ser editada pela Secretaria de Cultura, parati, patata, parali, parala, paralára, paralára, larapará...

— Ah, legal Sérgio, você viu que prenderam o assessor de um deputado japonês com um quilo de cocaína?...

— Pois é, pode ser poema, conto, artigo, crônica...

— Muito obrigado, Sérgio. Agradeço a lembrança. Espero fazer algo que seja aprovado.

Além de verídico, àquela altura o convite já estava até aceito, mesmo eu não sabendo como começar, não sendo poeta, articulista, cronista, contista, comunista, apicultor, advogado, astronauta, motoqueiro ou boi...

De cara estabeleci o método: em primeiro lugar, seria necessário compor um personagem. E sendo assim, o mais prático seria tomar-me como meu próprio personagem. Pelo menos, partindo do pressuposto de que não sou ninguém, não precisaria pedir permissão a ninguém. E além do mais já estou composto, tenho perfil psicológico — não importa que seja dos piores —, tenho história de vida, data e local de nascimento, e muitos outros requisitos técnicos. Da maneira que pensei o caso, não haveria crise de rebeldia do tipo criatura versus criador. Eu teria total domínio sobre meu eu personagem, poderia agir como um déspota e, contra mim, não ousaria fazer nada.

Fiquei então pensando sobre o assunto, fiquei pensando que pensava e, se não pensava, pensei tanto que pensava que cheguei a pensar que poderia estar gerando sérios problemas ideológicos. Se meu personagem fosse eu, seria eu personagem dele? E como ser os dois ao mesmo tempo? Como ser meu próprio criador? Seria mesmo um bom negócio, depois de 28 anos entregue a convicções de ordens tão contrárias? E se ele — que era eu — fosse meu criador, não estaria limitando ainda mais meu breve existir? Ou, pelo contrário, fazendo-me ficção, meu personagem — neste caso eu mesmo — não estaria substituindo meu ser efêmero pela perspectiva de existir em dimensão muito mais ampla, no

imaginário de pessoas que sequer participam da atualidade real e objetiva, aqui e agora? E mais: se meu personagem é consequência da minha ideia sobre ele, como serei eu consequência da ideia dele? Tem ele a possibilidade de possuir uma essência vital que transcenda a minha? Continuei nesta linha até alcançar questões realmente pertinentes: quem veio primeiro, o ovo ou a galinha? Qual era a cor do cavalo branco de Napoleão? E se você por acaso tiver um cachorro chamado Nabunda, que não sabe nadar, e for preciso atravessar o rio, você deixa Nabunda, ou leva Nabunda? Eu sabia que a resposta certa era “Nabunda nada”, tinha aprendido isso na escola, há muitos anos. Desde então, o nada havia se tornado uma questão fundamental em minha vida. Se era a saída exata para a velha pegadinha, poderia ser também a resposta para a criação do Universo. E sendo a solução final para a criação do Universo, poderia resolver também a criação do texto livre sobre música que o Sérgio Blank me colocou pra fazer.

Tio Murilo quase disse que sim. Mas como não é possível afirmar definitivamente, não disse que sim, nem que não.

— Estou lendo um livro que Gaspar me emprestou, “Deus e a Nova Física”, em que o autor relata o surgimento de partículas subatômicas no vácuo. Elas se constituem do nada, e se destroem num período extremamente breve de tempo. Fingi que estava tudo bem para mim e liguei pra Gaspar, que decidia sobre casar-se ou não com Paula Portella.

— Quando os físicos fazem medidas dentro do núcleo do átomo, no vácuo absoluto, dentro de um certo espaço, num nível microscópico, subatômico, verificam o surgimento de partículas do nada — explicou.

— Mas isso não explica criação de universo nenhum, não tem relevância... — provoquei.

— Tem relevância muito grande em relação ao átomo. Se elas funcionassem de uma maneira diferente do que se sabe hoje, talvez os seres humanos não fossem como são, talvez nem existissem. Os físicos acham que para um próton você tem um antipróton. Uma partícula para uma antipartícula.

— E daí, sobre a criação do Universo continua não dizendo nada.

— Mas o estudo do átomo é muito significativo na história da ciência, ele conduziu o conhecimento humano à energia nuclear e à bomba atômica, por exemplo. Se uma partícula ainda menor do que o quark pode surgir do nada, no vácuo, poderia o Universo ter surgido do nada, sem criação, sem criador?

Ele encerrou bem a aula, mas não pude deixar de abordar Tio Murilo, mais uma vez.

— Se veio do nada ou não veio do nada, ninguém pode saber. Mas, do ponto de vista matemático, todo número elevado a zero é igual à 1.

E daí? perguntei eu, novamente sem entender nada.

— Se nada surge do nada, como pode a potência zero gerar o número 1?

— Não sei — disse.

— É que zero não é igual a nada, é diferente. Zero é zero! Se colocado na frente do 1, dá o 10. Não pode ser tomado como nada, é algo que tem valor.

Foi então que abri a janela e disse: “o nada só é deixando de ser”.

E Franklin Pereira Neto disse: “morte aos suicidas”.

E Luiz Tadeu Teixeira disse, sob um prisma materialista: “tem morrido gente que nunca morreu antes”.

Apesar da boa vontade e do sábio cientificismo de Gaspar e Tio Murilo, em nada avancei. Continuava desejando enormemente escrever nada, e permanecia impossibilitado de fazê-lo. Um impasse se estabelecera. E da mesma forma que não se sabia a quem atribuir a criação do Universo, não se sabia quem escreveria o texto, se eu, ou eu, digo, se ele — o eu personagem — ou eu — o eu. Só quando cheguei a um acordo com meu personagem — eu mesmo — sobre qual de nós escreveria o texto encomendado pelo Sérgio Blank é que pude dar continuidade aos trabalhos. No duro, no duro, nem eu nem eu (ele) sabíamos o que fazer, como começar, que ideias expressar, enfim, nós dois estávamos num beco sem saída. Melhor ainda, estávamos em dois becos sem saída.

## Morra Luiz

O troço tinha que ser sobre música, era a única exigência do Sérgio. Que tristeza ter tanta liberdade!

Resolvi então fazer um diário. Um diário que contasse episódios musicais, do dia em que o Deocastilho e o Sérgio me legaram ao dia do fechamento da edição. Tive um monte de ideias, mas aquele conselho editorial, ih!, aquele pessoal da pesada em literatura estava me intimidando. Se ao menos eu os conhecesse pessoalmente... Se tivesse lido os livros deles... Puxa vida, que enrascada.

Na verdade, só conhecia o Sérgio Blank. É, conhecia o Sérgio há muito tempo, há uns 13 anos, do tempo do Adegá, em Jardim da Penha. Daquele tempo também conheço o Luiz Carlos Almeida Lima, a Fernanda, a Patricinha, o Everaldo, o Roberto, o Carlos, o Carlos Roberto, o Roberto Carlos, o Alberto — o Alberto Roberto só conheço da televisão — a Luciana, a Márcia — que casou com o Edgar —, a Paulinha, a Tetê, a Gabriela, o Genival, o Marco Muralha, o Dodó Lee, a Fátima, o Luiz — irmão da Fátima, a dona Leonor — mãe do Luiz e da Fátima —, o Renzo, o Dodão, o Dany Boy, o Juca Magalhães, o Alexandre Lima, o Marcão Lima, o Amaro Lima — que era um guri, a Vera Lima, a Gabriela Lima, o Márcio Gallerani, o Cal, o Sembá, o Gilson, a Catarina, a Esmeralda e até o insuportável do Deocastilho Pipocas...

O problema é que eles não eram do conselho editorial. Se fossem, ligaria pra eles, diria que estou muito sem tempo, que fiquei realmente honrado, que nunca pensei que fosse ser um dia convidado, mas que, sabe como são as coisas, a vida não para, nem sempre a gente pode fazer tudo que quer, e que, na verdade, teria de declinar do convite, pois não poderia abraçar o mundo e estava cheio de coisa pra fazer, e, além disso, meu bem, tem outra coisa, minha mãe não dorme enquanto eu não chegar, sou filho único, tenho uma casa pra olhar, enfim, não posso ficar.

De fato, do conselho eu só conhecia o Sérgio. Então, eu que ligasse pra ele e dissesse sabe como é Sérgio, o bicho tá pegando, tô vendendo o almoço pra comprar a janta, matando cachorro a grito e elefante a gargalhada, patati, patata - aquela conversa toda de bêbado pra delegado.

Nada disso, ordenei-me, efusivamente. Jacaré que não se vira, vira bolsa de madame. Isso eu tinha aprendido nas aulas de Física do professor Pedro, onde ouvi pela primeira vez o nome de alguém que pensei ser um cantor de sucesso: Pink Floyd. Ah, como eu gostava das aulas de Física. Não me lembro exatamente de nenhum dos postulados da Física, pra dizer a verdade, não sei nem o que é Física, mas o professor Pedro era uma figura adorável. E eu, uma figura detestável. Como atrapalhava! E como era obrigado a passar pela passarela para atravessar a Avenida Vitória, no caminho da escola, mas não passava. E era obrigado a me comportar bem, um colégio de padres, congregação Salesiana, uma beleza. Tinha capela e tudo, uma fortaleza cristã em pleno Forte de São João. Até que um dia chegaram à conclusão de que eu não havia me adaptado. E o boletim veio sem o campo de matrícula. Justamente no fim do ano, período natalino, Jesus Cristo prestes a nascer mais uma vez, aquela comida toda, presentes, a família em volta da mesa, a família em volta do bolo, Idalina sozinha no altar e eu chegando em casa, dizendo que não havia me adaptado, que não houve nada, mas por algum motivo eles tinham me dito que eu não havia me adaptado.

Depois de cinco anos me iludindo, haviam chegado ao veredicto. Que coisa horrível, vai ver tava tudo planejado!!! Gente mais sem compostura. Quem poderia determinar que era uma verdade a minha não adaptação? Por que é que não se adaptavam a mim, então? No fundo, eles é que não haviam se adaptado – o cliente tem sempre a razão, é ou não é? Eles que saíssem, que colocassem a mão na consciência, que me deixassem lá com aquele pátio de todo tamanho. Um bando de gente sem a mínima consideração. Quantas vezes eu tinha deixado de dormir, de ver televisão, e até de matar aula, só para estar ali com eles, ao lado deles, dando meu apoio na hora certa? Isso eles não levavam em conta.

Quantas vezes Dodó me convidou pra ouvir música na casa do Marcão, em Jucutuquara, e eu não fui, só pra ficar lá ouvindo me dizerem que um tal de Mendel era alucinado por ervilhas, e que os *homozidoidos* tinham função elementar na compreensão da biologia. Estava na cara que eu era vítima de um complô infernal. Eu que estudava para ser alguém. De repente me encontrei sem um porto seguro. Tá certo que não era a primeira vez, no Agostiniano tinha acontecido a mesma coisa, daquela vez por causa das freiras. Mas a diferença é que estávamos num país muito mais democrático, João Batista Figueiredo era o presidente e não tinha pudor algum em dizer que preferia sentir o cheiro dos cavalos a sentir o cheiro do povo. Aquilo sim era um homem sincero, um exemplo de ser humano, o presidente ideal. Sem sombra de dúvidas. Não mandava ninguém esquecer o que havia escrito, até porque não havia escrito merda nenhuma – ou havia? Por aqui, o Eurico Rezende já tinha ido embora pra Brasília – neste país lugar melhor não há –, o Camata colocara o pagamento em dia e eu, como filho de funcionários públicos, não dava problema nenhum à santíssima tesouraria do Colégio Salesiano. Mas eles não tinham consideração nenhuma. E eu não tinha adaptação nenhuma. Contudo, são saudosas as malocas, digo, as memórias daquela época. Para o padre Luiz – quem não se lembra dele? – tinham feito uma música, uma brincadeira, coisa de adolescente desocupado, claro:

Morra Luiz

Não aguento mais repressão

Já vem Luiz com a chave na mão

Parece que a esclerose bateu

Ele pensa que manda em mim

Quem manda nele sou eu

Morra Luiz, morra Luiz...

Naquele tempo, já eram legendárias em Vitória bandas colegiais de heavy metal pré Rock in Rio, como Phoenix, Viúva Negra, Expresso Atlântico, Chacal, Out Cry, Panzer, Febre Negra, Necrófago, Vulto, Camisa de Força – que não era de heavy

metal –, e mais um monte. A moçada mais chegada ao pop, aos eventos menos underground, curtia o primeiro escalão do rock capixaba made in anos 80: Pó de Anjo (falo sobre a banda, sobre o pó não digo nada), Combatentes da Cidade, Porão 22, Condomínio Fechado e Thor, que mandava o mais puro metal, com o bom, velho e careca papai Fábio Boi, cabeludaço na época, barbarizando nos vocais. Bons tempos aqueles...

### **A música é o que unifica**

Quando voltei ao computador, ainda perturbado com o tal convite que o Deocastilho Pipocas me disse às 6 da manhã que o Sérgio Blank faria, e que o Sérgio Blank realmente fez depois do almoço, observei que, enfim, havia começado a falar de música. Só não sabia se alguém do conselho editorial era também do conselho pedagógico, ou do conselho administrativo, ou de qualquer outro conselho lá do Salesiano. Se fosse, eu estaria perdido. E se o padre Luiz fosse do conselho editorial dos *Escritos de Vitória*? Certamente, ele mandaria dar baixa em meu histórico escolar e eu veria anulados os papéis que provam hoje minha árdua trajetória entre aqueles muros católicos, tantos anos de estudo, quanto afinco, dedicação. Aí sim, eu passaria a ter sérios problemas de adaptação. E seria tudo por causa do Sérgio Blank.

Inventei a história do diário, mas querem saber uma coisa? Quase que chega o dia marcado e eu não saía da estaca zero. Ou da estaca nada, sei lá. O Sérgio Blank não me saía da cabeça. Cheguei a pensar em cortar relações com ele. Para não ter que entregar porcaria de texto nenhum. Ficariam todos pensando que eu tinha um texto, eu diria pelos bares que o texto era um primor, mas que por culpa do desgraçado do Sérgio Blank, aquele ingrato, deselegante, salafrário, por causa dele não entregaria o texto. E mais, como fora ele o encomendador – não confundir com o Camilo Cola, que é comendador –, e como eu não conhecia ninguém no magnânimo conselho editorial, não mostraria a ninguém em Vitória.

Se me ligassem lá dos *Escritos de Porto Alegre*, ou dos *Escritos de Porto Seguro*, eu até era capaz de mandar o texto. Mas por falta de conhecer o Sérgio Blank lá deles, ninguém veria uma linha do que eu tinha escrito. Aliás, iria acabar definitivamente com o desafetuoso episódio, deletando, de uma vez por todas, o arquivo, que, inclusive, levava o nome dele, escrito assim, com inicial minúscula: [C:\Adolfo\P65\blank.p65].

Mas, se eu mal encontrava o Sérgio Blank pessoalmente, como brigar com ele? E depois, mesmo que tivesse a cachimônia de tentar, distinto como é o Sérgio, elegante daquele jeito, ele não compraria a briga. Era educado demais pra isso, extremamente amável. Eu acabaria tendo que brigar sozinho: quando um não quer, o outro briga consigo mesmo. Não, não aquela não era ainda a solução adequada. Camarada do Sérgio desde os tempos do Adegá, como poderia me insurgir em seu protesto? Jamais. Continuaríamos eu e o Sérgio Blank mantendo um relacionamento cortês, assim seria melhor para todos.

Não brigar com o Sérgio era de fato uma medida acertada. Só não servia para me desobrigar de cumprir meu compromisso com ele da maneira mais cortês possível, entregando o texto no dia do fechamento. Por isso mesmo, não conseguia bater o martelo: devia ou não devia brigar com o Sérgio Blank?

E se eu brigasse com alguém do conselho? Se eu lesse os livros deles e escrevesse pra Gazeta, esculhambando, colocando tudo abaixo de zero (ou abaixo de nada?)? Mandaria os textos pra Marzia Figueira, ela publicaria na seção “O que você está lendo?”, o pessoal do conselho leria aquilo no domingo e passaria a me odiar. Imediatamente, ligariam pro Sérgio pra tomar satisfação, saber quem era aquele idiota que não sabia nada – ou não sabia zero, pouco importa – e que estava detonando todo mundo no jornal. Como não os conhecia pessoalmente, essa era a grande ideia para romper com a obrigação que eu não podia cumprir. Tinha uma banda de rock e um disco

pra gravar, será que eles não viam isso? Só me faltava o Paulo de Paula me convidar pra fazer um papel numa peça dele. Ou o Renato Santos me chamar para dançar em sua próxima coreografia. Esse pessoal do conselho... gente mais caduca, pô.

Pensaram que iam colocar as mãos em mim, mas enganaram-se redondamente – os gordos do conselho enganaram-se redondamente, mas o Sérgio Blank não, ele não era gordo pra se enganar redondamente.

Não sei o que é que houve lá na Gazeta, só sei que a Marzia Figueira não colocou minhas resenhas esculhambado o pessoal do conselho. Tinha gastado um dinheirão contratando um ghost writer e ela nada de publicar o negócio no jornal. Pensei em mandar p'raquela outra Gazeta menorzinha, o Notícia Agora, jornalzinho novo, ajeitadinho, mais popular, dando panela de presente, quem sabe o Rubinho Gomes não me quebrava o galho? Nada feito. E o Luciano Rangel, por que é que não me dava uma colher de chá lá na Tribuna? De certo, o pessoal do conselho era amigo deles todos. Os importantes da literatura e os importantes do jornalismo, todos contra mim. Cheguei a vasculhar o currículo do conselho. Se alguém ali tivesse gravado um disco, aí eu mandava 15 linhas – nem adianta mandar 16 porque não cabe – esculhambando, e o Zé Roberto Santos Neves, meu brother, botava lá no “O que você está ouvindo?” Como bem roqueiro, baterista de primeira, haveria de me aliviar. Mas ninguém no conselho tinha gravado disco. Não disco não, o negócio deles era livro, coisa de intelectual que dá trabalho pra ler e depois tem de pensar no que estava escrito – “o que será mesmo que o autor quis dizer com aquela metáfora?”.

Ele não sabia que esse papo de leitura não tava com nada e que ninguém lia mais droga nenhuma e que o papo do momento era outro, véi? Não disseram isso a eles? Ah, mas eu digo. E tem mais: eles não percebiam que era mais barato pra todo mundo ver televisão? Televisão sim, coisa de primeiro mundo, de graça, só ligar o botão e esquecer da vida, sem a preocupação –

preocupação não, obrigação – de pensar, de raciocinar, de exercitar o intelecto. Que intelecto banheira do Gugu com as vagabundas quase nuas, vendedoras loiras de produtos pra criança, propaganda de cigarro que dá câncer no pulmão, o Ministério da Saúde advertindo: fumar é prejudicial à saúde, comercial de bebida de 10 em 10 minutos e propaganda contra maconha, contra cocaína, tudo isso de graça, alguém já viu coisa melhor que um aparelho de televisão?, é melhor que geladeira, um negócio jovem, de 50 anos pra cá. Se não fosse bom, os americanos, saudáveis e inteligentes como são, não passariam 40% de seu tempo livre em frente à TV. Falando sério, vê se o Gutenberg teria tido uma ideia dessas. Será que o pessoal do conselho, além de não fazer disco, não raciocinava?

Toda aquela profunda reflexão integrada me aborreceu gravemente. Um instinto assassino tomou conta de mim, algo misterioso, incontrolável, verdadeiramente animal. Quem havia tido a ideia funesta de ressuscitar os *Escritos de Vitória*? Eu queria saber. Corri pela vizinhança e ninguém sabia responder. Não sabiam nem o que era *Escritos de Vitória*. Fui ao encontro do Sérgio Blank, o cara que havia me amarrado naquela roubada, o grande culpado de tudo, o responsável primeiro. Adentrei a casa dele aos berros: Eu quero saber quem foi? Quem inventou essa palhaçada de reeditar os *Escritos de Vitória*? Você vai me dizer, vai me dizer o nome do infeliz agora. Ou você entrega o cara, ou me suicido aqui e sujo de sangue todo o seu sofá de tecido marfim. Fala, fala, vai ter que falar.

Já na delegacia, maracujina em cima, olcadiol, aldol, gadernal e meia hora de programa Sílvio Santos na cabeça, dirigi calmamente minhas considerações ao delegado.

— Mas doutor, será que eles não frequentam livraria, não sabem quanto custa um livro? O povo todo passando fome, agricultor se matando por falta d'água no norte do Estado e eles pensando em derrubar árvores pra editar o livro? Um salário mínimo de R\$151,00 que é o próprio “um, sete, um”, puta merda!

O senhor sabe quantos livros se compram com R\$151,00? E livro lá enche barriga de alguém? Antes que pudesse ouvir a pergunta seguinte, o efeito dos remédios misturados ao programa Silvio Santos me fez entrar em transe. Senti que algo muito fantástico estava acontecendo comigo. Quando me dei conta, já no alto, olhei meu corpo se distanciando, perdendo volume, ficando pequeno, cada vez menor, um grão de areia no universo, até que cheguei à ala dos compositores no céu.

Fui recebido por um sujeito mal-humorado, que não me ouvia perguntar onde é que estava o professor Igor Stravinsky. No crachá dele estava escrito Beethoven, chefe da guarda sonora do céu. Mas eu não dei bola, queria falar com o russo contemporâneo, não me interessavam os românticos. Surdo, o tal me ignorou. Um gago, percebendo meu desconcerto, quis me confortar:

— E aquele do tchan, tchan, tchan, tchan – gaguejou.

— Do Tchan? – pedi uma confirmação, ele fez sinal de positivo com a cabeça.

Como o conjunto de música baiana tinha ido parar, no céu, ao lado do fenomenal Beethoven, eu não podia compreender. A explicação estava no fato de ter sido o compositor ridicularizado pela orquestra inteira, já no primeiro ensaio, por conta da introdução de sua 5ª Sinfonia, justamente a mais famosa, inicialmente rejeitadíssima. Enfim, constatei que, de fato, há mais mistérios entre o céu e a terra do que a vã filosofia pode imaginar. O ditado era mesmo tangível.

Orientado por Sérgio Sampaio, segui num grande corredor vermelho, virei à direita, dei uma guinada pro centro e lá estava Igor Stravinsky, tomando banho de chuva com a famosa Shirley MacLaine, aquela atriz que gostava de sair do corpo. Exatamente como acontece nos desenhos animados, notando minha presença o grande mestre interrompeu sua ação.

— Ó, soberano maestro, o Sérgio Blank me incumbiu de escrever um texto, mas eu não consigo sequer começar. Preciso conhecer os mistérios da música, só o excelentíssimo poderia me orientar.

Ele então discursou, em tom enigmático maior.

— Como disse em suas memórias o sábio chinês Tchen-ma-tsen música é o que unifica.

Envolvido numa nuvem de fumaça, caiu do galho, deu dois suspiros e depois sumiu.

### **Deus não estava lá**

Passei anos e anos no céu tentando decifrar o enigma do sábio chinês. As coisas por lá eram muito difíceis. Também tentei a todo custo gravar um disco de rock, mas os roqueiros do céu eram malucos demais, todos heróis do Cazuzza, mortos de overdose. Ninguém dizia coisa com coisa. Mesmo assim, não desanimei. Resolvi dançar conforme a música e fiz bom proveito da oportunidade de ouvir mestres antigos sobre o assunto que se fazia objeto de minha dívida com o Sérgio Blank, a música.

Num encontro com Shakespeare, muito popular também lá nas alturas, ele acabou me confessando:

— O homem que não possui música em seu íntimo é capaz de intriga, vandalismo e traição. Nele não se deve confiar.

Outra autoridade do mundo das artes, mais jovem que o inglês, Honoré de Balzac definiu que a música era uma outra vida dentro da vida.

Vaidoso, Villa-Lobos me disse, fumando charuto:

— Minha obra foi uma carta à posteridade, para a qual não esperei resposta. Eu sou o folclore – decretou.

Com namorado a tiracolo – o sujeito parecia ser Oscar Wilde – Tchaikowsky, ainda atormentado, não parava de amaldiçoar os colegas de ofício. Era só você pronunciar o nome de gente como Haendel, Bach. Beethoven, e outros da galera que romperam a barreira do tempo, e ele objetava, irritadíssimo.

— Haendel é um artista de última categoria; Bach não é gênio coisa nenhuma, Beethoven é um maluco, caótico; Brahms, de uma mediocridade arrogante; Wagner, um fraco, cuja música sempre me deu um tédio infinito.

Coisa de doido. Não podia acreditar que aquela experiência estivesse sendo de fato vivenciada por mim – seria meu personagem o verdadeiro visitante do céu?

Em minhas caminhadas celestiais, acabei encontrando o Osmar Silva, ex-crítico de A Gazeta e A Tribuna, autor do livro *Música Popular Capixaba*. Conversamos sobre o mundo musical de Vitória, dei a ele um exemplar do CD Vitória Instrumental, produzido por um velho conhecido seu, o Rogério Coimbra, ele gostou de saber das novidades, perguntou pelas garfadas peculiares do Grijó – o Marco Antônio, exímio baterista e mestre-cuca, apetite de leão, o único que consegue organizar 100 gramas de comida no garfo, sistematicamente, sem deixar cair no prato, no colo, na mesa, na roupa ou no avental, um equilíbrio perfeito, a melhor justificativa do mundo para uma garoupa salgada, com banana da terra, preparada no Pirão!

Quando Oscar descobriu que eu era sobrinho neto de dois integrantes dos *Sete de Ouro*, quis notícias de Lauro Miranda.

— Está com 82 anos e ainda toca piano. Não vejo há muito tempo, mas fiquei sabendo por minha avó, cunhada dele, que atualmente tem se queixado da pouca atividade, pois trabalha só duas vezes por semana, numa delas acompanhando a cantora Helena de Lima. Por ele, tocaria todo dia, tem se considerado um desempregado – relatei.

— Grande pianista capixaba – emocionou-se. — Continua no Rio de Janeiro?

— Sim, continua no Rio. Geraldo, o guitarrista, é que está por aqui, talvez na ala dos instrumentistas – arrisquei.

— Não, rapaz, Geraldo compunha. Maurício de Oliveira chegou a tocar músicas dele, no Rio. Outro dia nos encontramos, eu, ele, Milton Banana e Edilson Machado. Milton criou a batida da bossa nova, no aro da caixa, a pedido de João Gilberto – eu disse.

— E Edilson criou a batida no contratempo, também a cara do gênero – completou.

No ritmo de cerca-lourenço que acabei adotando, fui encontrando pessoas ilustres, Tom Jobim, Pixinguinha, Cartola, o maestro Mundico da Rádio Espírito Santo, uma infinidade de gente. Todos falavam sobre a música com um prazer tão intenso que, na verdade, seria impossível reproduzir com palavras. A consciência daqueles artistas todos atestava ser a música, entre todas as artes, a mais imediata, a mais extasiante, a mais universal, a mais acessível. De fato, um bebê recém-nascido não lê, não assiste a peças de teatro, não vai ao cinema, não frequenta exposições de artes plásticas, mas, ainda na barriga da mãe, já ouve música. A indústria fotográfica lança CDs com adaptações de Mozart, Beatles, MPB, entre tantos outros títulos, especialmente para os bebês de colo como Pedro Mansur, neto mais novo de D. Teresa Vitória, como Pedro Pires e Ana Júlia, netos do Fontan e da D. Clara.

E os animais e vegetais, que também não consomem as outras artes, ouvem música com esta ou aquela finalidade. Rebanhos e tomatais, por recomendações científicas, costumam ser submetidos à audição de sinfonias.

— Mozart tem sido o preferido – lembrou Oscar. — Até já provaram que suas músicas são capazes de elevar o QI do ser humano – especulou.

Conversando sobre o assunto com ele, sujeito que adorava um bom papo – exatamente como havia me dito o Dedé Caiano, irmão do Sérgio Sampaio – ele foi relacionando uma série de dados históricos em defesa da monumental nobreza da música na evolução da humanidade, desde dezenas de milhares de anos atrás, desde a mais primitiva das culturas.

Tim tim por tim Tim  
Você tem que dar, tem que dar, o que prometeu bem  
Mande o meu anel de volta, eu lhe mando o seu também  
Mande a carta em que eu dizia, o amor não tem fim  
Que eu lhe mando outra explicando tim tim por tim tim  
Haroldo Barbosa - Geraldo Jacques

Satisfeito com o que havia colhido para escrever o texto que fiquei devendo ao Sérgio Blank, retornei à produção do disco de rock. Num encontro com Raul Seixas, garanti a ele que tudo que eu sabia sobre o município de Cariacica dava pra gente compor um álbum duplo.

— E olha que não é só Cariacica não – insisti – tem o Pitta em São Paulo, a CPI do narcotráfico, a CPI disso, a CPI daquilo.

Garanti que o Brasil tinha virado um circo de horrores ainda maior do que ele conhecera. Ele não quis saber de nada. Contei a ele que eu, meu pai, o Marquinho de Castro, o Ronaldo e o Tolete havíamos realizado um especial de duas horas com seu repertório, no Clube da Boa Música. Ele não me deu bola.

Desisti do Raul, tentei o Cazuzá. Nada feito. Tentei o Júlio Barroso, o John Lennon, o John Bonham, o Aprígio Lyrio, o Arlindo Castro, o Tim Maia, o Jimi Hendrix, o filho do Gilberto Gil, o Frank Zappa, o Bob Marley...

Não consegui conexão com nenhum deles. Achavam minhas letras ruins demais, ou não tinham tempo para o projeto, ou arrumavam desculpas esfarrapadas para negar a participação. Se o Sérgio Blank estivesse lá, queria ver quem negaria. Era só ele convidar e o indivíduo – com um ou mais paletós – estaria fígado, nem morto se livraria da função. Esperar pelo Sérgio até que esperei, o colocaria como produtor do disco – assim alguém do conselho poderia dizer finalmente que tinha produzido um CD. O caso é que, com o negócio dos *Escritos de Vitória* voltando à tona, o Sérgio estava muito ocupado, sem tempo até pra morrer.

Fui reclamar com Deus, mas ele não estava lá. O chefe do gabinete era o padre Luiz, tentei disfarçar de todo jeito, disse que havia estudado no Sacre-Coeur, que me chamava Honório e que nunca tínhamos nos visto antes. Ele quase acreditou, quase que cai no meu canto de sereia. Mas não me segurei. Depois de adiantar a ele a pauta da audiência que eu estava solicitando com o todo poderoso, acabei cantando a canção “Morra Luiz” e aí o bicho pegou. Dei a volta ao mundo em 80 dias correndo do padre, mas ele me venceu pelo cansaço, colocou as mãos em mim.

— Fica sentenciado que o réu, a partir desta data, irá cumprir sua pena de morte no inferno – condenou-me Luiz.

O inferno era realmente infernal. Chato, um tédio horripilante. Era como a música de Wagner para Tchaikowsky. Só tinha gente careta, um pessoal engravatado, caras conhecidas do noticiário político, autoridades da justiça, empresários influentes, gente das religiões de toda parte, um verdadeiro saco. Bolei uma estratégia infalível para sair de lá e consegui.

De volta ao céu, concluí que, mais do que a vida, a morte estava ficando enjoada demais, inexoravelmente sem graça, sem saída e sem aeroporto. Foi então que Jesus Cristo me salvou – no céu também, só Jesus Cristo salva. Segui com ele por desertos intermináveis, Egito, Índia, Galiléia. Roma, Paris

e Veneza, onde, sobre o cemitério de San Michele, reencontrei o maestro Igor Stravinsky. Comecei devagar, depois abri o verbo. Ele gostou, e aderiu ao novo linguajar.

— Ó, magnífico maestro, por tantos anos tenho desejado um novo contato com sua incomparável inteligência. Até hoje não fui capaz de decifrar o pensamento do sábio chinês. A busca pela compreensão da verdadeira essência da música deixou minha cabeça com fusa, com semifusa. com mínima, com semínima, com breve, com semibreve... O senhor sabe como é, né? Um dia eu ainda mato o Sérgio Blank, mas antes preciso cumprir meu compromisso de enviar a ele o texto para os *Escritos de Vitória*. Por piedade, ilustríssimo, quebra essa aí pro seu camaradinho.

— Adolfo, seu mal educado. Estive com o padre Luiz e ele me contou coisas horríveis a seu respeito. Sei que seus dias aqui estão contados, você terá que voltar à Terra, este será seu castigo. Por sorte, seu destino é Vitória, cidade cada vez mais formidável. Luiz queria lhe mandar pra Cariacica, mas eu passei a conversa no velhão. Afinal de contas, meu camarada, você é brother, é sangue bom. Anota aí o que vou te dizer, véi. O texto pro Sérgio tá no papo, pode crer.

Autorizando-me a tratá-lo por Strava, pôs-se a interpretar as palavras do tal china sabidão:

— Não há confusão possível entre a monotonia que nasce de uma falta de variedade e a unidade que é a harmonia das variedades, uma ordenação do Múltiplo - anota aí, mané.

E continuou:

— A unidade da obra tem uma ressonância toda própria. Seu eco, captado pela nossa alma, soa cada vez mais próximo. E assim, a obra acabada flui

para ser comunicada, até, mais adiante, refluir para sua fonte. O ciclo se fecha. E assim a música revela-se como uma forma de comunhão com nosso semelhante – e com o Ser Supremo.

No melhor estilo Charlie Brown Jr. fiz uma exclamação conclusiva.

— Nossa, que revelação alucinante, meu. Demoro, véi!

— Agora vá. E mande um abraço pro Sérgio Blank – despediu-se Strava.

Ainda avisei a ele que o Ser Supremo não aparecia no céu fazia tempo.

— Eu tinha tentado uma audiência, mas, até por conta de um rápido desentendimento com o padre Luiz (Luhi, àquela altura), minhas chances haviam escasseado de vez. Também formalizei um convite para fazermos o disco de rock juntos, assim que eu voltasse, e agradei imensamente por tudo que havia me ensinado.

— Té mais – passou a régua.

Chegando à Terra, tudo estava como antes. Vitória ainda não tinha sido inundada, as temperaturas ainda eram suportáveis, pessoas ainda morriam de câncer, a idade média do ser humano continuava em torno dos 75 anos, ainda não haviam lançado o primeiro loteamento espacial para milionários, o sexo continuava sendo praticado, a gordura ainda incomodava demais as pessoas, os gordos continuavam enganando-se redondamente, o Urublues ainda não tinha lançado o segundo CD, os políticos continuavam roubando demais, os grandes empresários também, e o Oleari continuava tocando no Café da Manhã da "rádia Espírito Santo" – a contragosto, ele que era fã do Duke Ellington – a música *Morango do Nordeste*, de um tal Não Sei o Quê dos Teclados, que continuava fazendo um sucesso medonho.

Estava reexperimentada, em um novo ambiente físico, a teoria da relatividade. No estado imaginativo tudo era realizável, nada carecia ser provado matematicamente. Todos os anos que passei no céu – incluindo-se aí o período em que estive no inferno – não representaram mais que três semanas para a cidade de Vitória. Voltei ao meu apartamento, em Santa Lúcia, e lá estava o lembrete sobre o texto que o Deocastilho Pipocas havia me dito que o Sérgio Blank me encomendaria e que o Sérgio Blank realmente me encomendara. Cheguei no dia do fechamento da edição dos *Escritos de Vitória*.

Tentei dar ao Sérgio uma explicação lógica. Logicamente foi impossível.

— Sabe Sérgio, eu estive viajando. Me desculpe, companheiro, não foi má fé, não foi má vontade, não sou maluco, não sou irresponsável. Cheguei a investir uma morte inteira no seu texto, mas acho que não deu tempo. Quero que você compreenda, que dê um crédito pra mim.

Um dia lhe mando uma carta, explicando tim tim por tim tim.

O Sérgio Blank mantinha-se mudo.

— Ah, Sérgio, já ia me esquecendo, o Stravinsky mandou um abraço pra você.

**This is the end, my only friend, the end...**

Como pode a música tomar conta de nós, abalar-nos até o mais fundo do nosso ser e, de alguma forma, falar-nos como as palavras não são capazes de fazer? Há mais em jogo do que uma bonita melodia. Repetida vezes, terão de ser abordadas questões candentes, tanto em torno da musicologia quanto da neurociência, questões que começam a fazer surgir uma nova concepção da mente humana.

Robert Jourdain

Talvez o Sérgio tenha se aborrecido comigo, talvez não me convide nunca mais pros Escritos de lugar nenhum. Não tem problema, sei que um dia hei de me acertar com ele. E ele então saberá que foi o responsável pela experiência mais encantadora de toda a minha morte. E entenderá que não pude fazer o texto porque, na verdade, a música é uma instituição tão fantástica, tão misteriosa, que produz sensações exclusivas, impossíveis de serem transmitidas pela linguagem verbal. Chegará o momento para esta conversa, o Sérgio há de me compreender.

Com toda certeza, não cumpri o prazo, mas também não descartei o compromisso. Um dia, quando conseguir terminar o texto prometido, repassarei ao Sérgio Blank, e ele poderá publicar onde quiser. Nos *Escritos de Vitória*, nos Escritos de Colatina, nos Escritos de Nova Iorque, nos Escritos de São Paulo e até nos Escritos de Cariacica, se assim lhe convier. Terminantemente, publicará onde quiser. E se achar que deve. E se o conselho aprovar. E se achar que o texto, mesmo temporão, venha a merecer, por fim, publicação.

Recebido em: 6 de abril de 2020.  
Aprovado em: 1º de julho de 2020.